

Wharton diz que em 86 economia mundial melhor favorece Brasil

JORNAL DO BRASIL

São Paulo — O cenário mundial para o próximo ano é favorável à economia brasileira, segundo levantamentos realizados pela Wharton Econometric Forecasting Associates: a prime rate, (a taxa de juros preferencial norte-americana) cairá em mais 1%; o preço do petróleo também sofrerá redução; e os banqueiros internacionais reduzirão o spread pago pelo Brasil na dívida internacional.

O estudo da Wharton, elaborado na última semana de outubro, em Washington, foi revelado pelo professor Yuichi Tsukamoto, colaborador brasileiro daquele instituto, fundado pelo professor Lawrence Klein, prêmio Nobel de Economia de 1980. Tsukamoto fará um seminário sobre administração financeira, no Caesar Park do Rio de Janeiro, entre os dias 26 e 27 de novembro.

A economia mundial manterá um crescimento de 2,7% sem se conseguir resolver o problema do desemprego na Europa ou do endividamento dos países do Terceiro Mundo. O nível de inflação mundial continuará em 5%.

Os preços das commodities, de acordo com a avaliação da Wharton, que contou com a presença de membros do governo americano e do Fundo Monetário Internacional (inclusive Ana Maria Juhl, a mesma técnica do FMI que constantemente vinha ao Brasil), deverão continuar em baixa, o que prejudicará os

exportadores de produtos primários.

Segundo a Wharton, a economia americana crescerá 0,1% no próximo ano, devendo terminar o ano com 2,8% de evolução (em 1985 ela cresceu 2,7%). O déficit na balança comercial americana chegará a 133 bilhões 200 milhões de dólares em 1986, contra os 100 bilhões de dólares deste ano.

A Wharton também detectou em seus estudos que haverá um aumento no protecionismo americano, porque hoje, mensalmente, 30 mil americanos perdem o emprego na área industrial. Há uma absorção da parte dos demitidos pelo setor de serviços, e por isso a taxa de desemprego prossegue estacionária.

Segundo o professor Tsukamoto, "essa situação foi detetada pela Wharton e deixa antever que os americanos vão forçar a abertura de outras economias para os seus produtos, aplicando táticas protecionistas". No congresso da Wharton chegou a comentar que 20% do déficit público americano é proveniente de competição desleal de outros países na área do comércio internacional. Quanto ao Japão, sua economia continuará crescendo. Passando de 2,3% este ano para 2,5% de crescimento no próximo ano.

Outro ponto da análise da Wharton foi o petróleo: a previsão do instituto é de que haverá uma queda no preço, que poderá variar de um a oito dólares,

principalmente porque os países árabes voltarão a investir. Como os países árabes não se endividam, deverão procurar vender o petróleo, competindo com o mercado spot de Roterdã, na Holanda.

O crescimento econômico do Brasil em 1986 fechará em 4,2%, segundo a Wharton, isto é, abaixo do verificado este ano, estimado pela instituição em 6%. Os técnicos da Wharton também prevêem que não ocorrerá uma redução drástica do déficit público no próximo ano. A redução que ocorrerá será alcançada com aumentos de impostos e com uma política realista de tarifas de serviços públicos.

A política salarial no Brasil ainda continuará preservando o poder aquisitivo dos trabalhadores e o salário mínimo será ajustado em 1986 sempre acima do INPC. Sobre a inflação no Brasil, a média anual deste ano prevista pela Wharton é de 224% e para o próximo ano de 237%.

A balança comercial brasileira em 1986 deverá fechar com um superávit de 11 bilhões 700 milhões de dólares, e o saldo das transações correntes ao final de 1986 será de 1 bilhão 200 milhões de dólares. As reservas cambiais, ao final de 1985, chegarão no Brasil a 10 bilhões 400 milhões de dólares, segundo os técnicos da Wharton. Prevêem ainda que o PIB brasileiro crescerá, de 1989 a 1990, à razão de 5% ao ano.